

Adolescência ontem e hoje: reflexões sobre a clínica psicanalítica

*Gabriela Sardagna¹, Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis²,
Francis Willian Bueno Lourenço³, Mariana Elise Santa Rosa Silva⁴*

Resumo

O período da adolescência implica em perdas relativas às vivências infantis e o incremento da construção da própria identidade. O objetivo do presente estudo consistiu em investigar os fatos clínicos presentes em artigos, publicados de forma online, relativos ao atendimento a adolescentes na clínica psicanalítica. Realizou-se uma revisão narrativa de literatura, relativa a publicações no período de 2011 a 2022 nas plataformas LILACS, CAFE-CAPS, PEPSIC e SCIELO. Nos 14 artigos selecionados, foram identificados e analisados fatos clínicos relativos a quatro categorias temáticas: identidade, culpa, luto e sexualidade. A pesquisa possibilitou conhecer diferentes fatos clínicos ocorridos no *setting* terapêutico, sintomatologia e demandas apresentadas pelos pacientes, manejo das sessões durante o processo terapêutico, bem como questões relacionadas aos fenômenos transferenciais e contra transferenciais vivenciados na clínica psicanalítica com o adolescente.

Palavras-chave: Adolescentes; Fato clínico; Psicanálise; Revisão narrativa.

Adolescencia ayer y hoy: reflexiones sobre la clínica psicoanalítica

Resumen

El período de la adolescencia implica pérdidas relacionadas con las experiencias infantiles y el incremento de la construcción de la propia identidad. El objetivo del presente estudio fue investigar los hechos clínicos presentes en artículos publicados en línea relacionados con la atención a adolescentes en la clínica psicoanalítica. Se realizó una revisión narrativa de literatura relativa a las publicaciones de 2011 a 2022 en las plataformas LILACS, CAFE-CAPS, PEPSIC y SCIELO. En los 14 artículos seleccionados, se identificaron y analizaron hechos clínicos relacionados con cuatro categorías temáticas: identidad, culpa, duelo y sexualidad. La

¹ Universidade Estadual de Londrina. Email: gabriela.sardagna@uel.br

² Universidade Estadual de Londrina. Email: bethtavares@uel.br

³ Pontificia Universidade Católica do Paraná. Email: francis.lourenco@pucpr.br

⁴ Universidade Estadual de Londrina. Email: mariana.elise1992@uel.com.br

investigación permitió comprender diferentes hechos clínicos ocurridos en el ámbito terapéutico, síntomas y demandas que presentan los pacientes, manejo de las sesiones durante el proceso terapéutico, así como cuestiones relacionadas con los fenómenos transferenciales y contratransferenciales vividos en la clínica psicoanalítica con el adolescente.

Palabras clave: Adolescentes; Hecho clínico; Psicoanálisis; Revisión narrativa.

Adolescence yesterday and today: reflections on the psychoanalytic clinic

Abstract

Adolescence involves losses related to childhood experiences and an increment in the development of one's own identity. The study aimed to analyze the clinical facts in articles published online regarding psychoanalysis or psychoanalytic psychotherapy of adolescents. We conducted a narrative literature review, considering articles published online from 2011 to 2022 on the following platforms: LILACS, CAFe-CAPS, PEPSIC, and SCIELO. In the 14 articles selected and analyzed them based on four thematic categories: identity, guilt, grief, and sexuality. This provided insight into different clinical facts in the therapeutic setting, the symptoms and demands presented by the patients, the management of the sessions during the therapeutic process, and issues related to transferential and counter-transferential phenomena experienced in the psychoanalytic clinic with adolescents.

Keywords: Adolescents; Clinical fact; Psychoanalysis; Narrative review.

Introdução

A adolescência, período em que o desequilíbrio e instabilidade emocional constituem o processo de amadurecimento e também é essencial para o desenvolvimento da identidade do indivíduo. Para descrever o quadro de intensas mudanças psíquicas, Knobel (1981a) utiliza o termo "síndrome da adolescência normal" (p. 10). O indivíduo

vivencia uma transição, na qual está se preparando para adentrar o mundo adulto e, simultaneamente, lamentando a perda do mundo infantil ao qual pertencia. Ainda, esse período é composto por três tipos de luto: o luto pelo corpo infantil, pelo papel e identidade infantil e pelos pais da infância. Para mais, é válido mencionar o luto pela bissexualidade infantil (Knobel, 1981b).

A adolescência é um período de ressignificações. A sociedade fornece rituais culturais para a mediação entre o adolescente e a sociedade, para que o indivíduo assuma o status de adulto. Assim, o adolescente renuncia aos antigos objetos de amor e busca novas identificações. A questão edipiana ressurgue de forma marcante, associando-se a novos investimentos em detrimento dos objetos de amor anteriores (Freud, 1905/1996). Esse fato pode causar sofrimento visto que a sensação de um amor incondicional nunca será produzida pelos novos objetos (Ayub & Macedo, 2011). A possível turbulência emocional enfrentada pelos adolescentes, levanta uma reflexão sobre o atendimento psicoterápico aos pacientes nesse período da vida.

A transferência na psicanálise é essencial para o processo psicoterapêutico, que é caracterizado pelo deslocamento de afetos do paciente à figura do psicanalista. O deslocamento implica na repetição das relações objetais infantis que foram substituídas e desloca-se de uma representação para outra. Com adolescentes, em especial, a transferência exerce um papel fundamental, uma vez que a transferência positiva se insere como propulsor da psicoterapia. Por outro lado, deve-se considerar a presença da transferência negativa, que pode se

manifestar em agressões verbais, faltas e silêncio, que são especialmente observadas (acting out). Aponta-se a importância de se considerar a contratransferência, caracterizada pelas reações emocionais inconscientes e sentimentos vivenciados pelo analista/psicoterapeuta, que podem ser despertadas a partir da relação transferencial com o paciente (Inácio & Reis, 2018).

Os eventos que ocorrem dentro do contexto psicoterapêutico/setting, examinados com base nos princípios da psicanálise são considerados fatos clínicos psicanalíticos, podem ser externos e internos: os primeiros referem-se a eventos que ocorrem fora do contexto da análise, ou seja, são acontecimentos externos que não são influenciados pela relação entre psicoterapeuta e paciente relacionados aos fenômenos da transferência e a contratransferência; o segundo tipo abrange os fatos que ocorrem no *setting* terapêutico e manifestam-se por meio da transferência e contratransferência. (Quinodoz, 1994). Vollmer (1994) destaca que os fatos clínicos psicanalíticos são construídos a partir da “relação transferencial, da associação livre e da interpretação do analista” (p. 675). Quinodoz (1994) e Vollmer (1994) concordam que a capacidade de observação e a sensibilidade do analista são essenciais para a

compreensão dos fatos clínicos e para o sucesso do tratamento psicanalítico. Eles são interpretados pelo analista com base em seu conhecimento teórico e clínico, buscando revelar o significado subjacente e as conexões com a história e a estrutura psíquica do paciente. Ressalta-se, no entanto, que eventos que ocorrem fora do contexto do *setting* também podem ser analisados, utilizando os fundamentos teóricos da psicanálise, e serem considerados como fatos clínicos psicanalíticos externos à situação psicanalítica, uma vez que é possível que qualquer psicanalista com formação semelhante e condições análogas chegue a conclusões semelhantes ao analisar os eventos clínicos ocorridos (Quinodoz, 1994).

A produção de pesquisa em psicanálise pode utilizar-se do fato clínico como ferramenta metodológica. Autores como Wieczorek, Kessler e Dunker (2020), Reis e Ynuyama (2022) e Silva e Macedo (2016) têm abordado a importância da construção do fato clínico psicanalítico como uma ferramenta metodológica ao se utilizar o método psicanalítico de pesquisa. Nesse sentido, vale ressaltar a importância destacada pelos autores mencionados de que a pesquisa deve ser realizada após a finalização do processo terapêutico.

Conforme apontado por Dourado e Soares (2021), persiste na literatura científica uma certa carência de estudos sobre as especificidades das demandas dos pacientes e do manejo clínico psicanalítico com adolescentes. Considerando o acima exposto, bem como o interesse em conhecer como têm ocorrido os atendimentos aos adolescentes na clínica psicanalítica, o presente estudo teve por objetivo investigar os fatos clínicos presentes em artigos, publicados de forma online, relativos ao atendimento em psicanálise ou psicoterapia psicanalítica a adolescentes.

Método

Realizou-se uma revisão narrativa de literatura, considerada uma forma mais abrangente de realização de consulta a produções acadêmicas, por permitir compilar conteúdos de diversas obras e apresentá-los ao leitor de forma compreensiva e sem o compromisso de descrever critérios de coleta e seleção das obras incluídas. Esse campo de pesquisa de cunho bibliográfico pode ser apresentado por uma variedade de terminologias, como pesquisa bibliográfica, revisão bibliográfica e estado da arte (Batista & Kumanda, 2021). A pesquisa em questão buscou conhecer o estado da arte a respeito do atendimento a adolescentes realizado na clínica psicanalítica contemporânea no

Brasil, a partir da literatura publicada de forma online sobre o tema. O estudo faz parte de um projeto maior, realizado em uma universidade pública do sul do país, do qual participam psicólogos mestrados e graduandos de Psicologia.

Realizou-se uma busca dos estudos nas plataformas de dados eletrônicas Scielo (Scientific Electronic Library On-line), Pepsic (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Lilacs (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde) e CAFE-CAPES (Comunidade Acadêmica Federada). Inicialmente, a busca pelos textos disponibilizados pelas plataformas foi realizada a partir dos descritores: “adolescência AND psicanálise AND psicoterapia”. Devido ao baixo número de materiais localizados, foi realizada também a busca usando apenas as palavras: “adolescência AND psicanálise”.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no formato on-line, em português, no período de 2011 a 2022, e estudos de caso, relatos de experiência, análise de vinhetas ou fatos clínicos relativos ao atendimento em psicanálise ou psicoterapia psicanalítica a adolescentes. A escolha desse período para a seleção dos artigos buscou investigar aspectos da psicoterapia psicanalítica com adolescentes na contemporaneidade.

Além disso, a fundamentação teórica utilizada deveria contemplar a vertente inglesa da psicanálise. Foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: artigos teóricos, revisões de literatura, reflexões a partir de obras literárias e filmes e estudos de caso atendidos em psicoterapia de grupo. A seleção dos artigos, inicialmente, foi realizada a partir dos títulos e, para casos em que os títulos não apresentavam informações suficientes relacionadas aos critérios de inclusão e exclusão, foram lidos os respectivos resumos. A partir da busca de dados, foram encontrados 524 artigos somando os estudos acessados a partir da busca com dois e três descritores. Após a filtragem dessas pesquisas de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, restaram 14 artigos.

Os artigos selecionados foram lidos na íntegra por uma das autoras do presente estudo. A seguir, foi realizado um levantamento dos fatos clínicos detectados nos atendimentos terapêuticos a adolescentes relatados em cada um dos artigos analisados. Os fatos clínicos selecionados foram dispostos em uma tabela, constando o nome de cada artigo e os respectivos fatos clínicos identificados. A seguir, três pesquisadores, integrantes do projeto maior, leram os fatos clínicos previamente selecionados e indicaram quais deles poderiam ser considerados

como “fatos clínicos psicanalíticos” (Quinodoz, 1994, p. 619). Na sequência foram realizadas três reuniões científicas com a equipe do projeto para a discussão e análise dos fatos clínicos indicados individualmente pelos três pesquisadores. Assim, foi usado, para critério de inclusão nessa etapa da pesquisa, a concordância de pelo menos dois pesquisadores para que determinado trecho fosse considerado como fato clínico psicanalítico.

Posteriormente, foram elaboradas categorias temáticas decorrentes da análise do material.

Resultados

A nomenclatura “fato clínico psicanalítico” não foi localizada nos artigos encontrados na revisão bibliográfica realizada. Porém, verificou-se que os respectivos autores apresentam uma análise posterior aos atendimentos, utilizando fundamentos da psicanálise para refletir sobre situações vivenciadas no *setting*. Dessa forma, embora tenham sido encontradas outras nomenclaturas nos artigos analisados, todos os autores realizam análise do material com a utilização de fundamentos da psicanálise de forma similar ao processo de construção de fatos clínicos psicanalíticos indicada por autores como Quinodoz (1994), Vollmer (1994), Reis e Ynuyama (2022), Silva e

Macedo (2016) e Wieczorek et al. (2020). Por outro lado, alguns artigos enfatizam um tema central que motivou o estudo, relacionando-o a conceitos, fenômenos ou processos estudados pela psicanálise em relação à clínica com adolescentes. Em outros, situações ocorridas durante os atendimentos, destacadas como vinhetas, foram utilizadas para ilustrar aspectos centrais da temática estudada. Além disso, alguns artigos analisaram situações clínicas relativas aos sintomas e/ou manejo das situações vivenciadas no *setting*.

Constatou-se que os assuntos mais recorrentes nos artigos analisados são: abuso sexual, automutilação, drogadição, escolha profissional, identidade, família, simbolização, manejo clínico no atendimento a adolescentes e vulnerabilidade social. Entretanto, todos os estudos apresentam fatos relacionados à sintomatologia do adolescente, semelhantes aos destacados por Knobel (1981a) relativos à “síndrome normal da adolescência” (p. 10).

Os fatos clínicos relatados pelos respectivos autores dos artigos consultados, bem como a análise teórico-clínica a partir de conceitos psicanalíticos por eles utilizados, possibilitaram a construção de quatro categorias temáticas: identidade, culpa, luto e sexualidade.

Identidade

A busca pela própria identidade (Knobel, 1981a) e suas vicissitudes foi mencionada em três artigos: Ávila (2010), Jordão (2008) e Metzger (2006). Jordão (2008) discorre sobre “a interferência dos vínculos familiares no processo de individuação do adolescente, suas desidentificações, neoidentificações” (p. 163), os quais foram detectados a partir da fala de M, adolescente de 18 anos:

Tô muito perdida, numa confusão só... Parece que não sei mais quem eu sou, nem o que quero, nem para onde vou... Que horror isso... Se tu perguntar pra uma criancinha o que ela quer, ela vai te dizer alguma coisa, e eu parece que nem sei o que quero (...). (p. 158)

O processo de desidentificação é promovido, segundo a autora, por meio do diferenciar-se das expectativas dos pais e da perda da dependência infantil e é sentido como perigo eminente, uma vez que interfere no narcisismo do filho e dos pais (Jordão, 2008). A autora aponta a relevância do estabelecimento de relação de confiança e de segurança básica com a figura materna. Ressalta ainda que, se houver uma separação precoce do vínculo simbiótico estabelecido com a mãe, é

possível que sintomas relacionados à insegurança possam se manifestar futuramente.

Em outro momento, Jordão (2008) menciona as falas de J., um adolescente de 15 anos: “Eu sou muito forte pra bebida... Tomo um litro de whisky e não me faz nem cócegas... (...) Quando eu ando de moto eu me possuo... Enlouqueço, faço e aconteço... Me sinto livre” (p. 164). A análise de Jordão (2008) a respeito daquele adolescente foi considerada, pelas autoras do presente estudo, como a construção de um fato clínico psicanalítico na medida que relaciona os fatos vivenciados no *setting* com a teoria psicanalítica:

A grandiosidade ilustrada nestas colocações pode ser entendida como "refúgios narcísicos" diante das situações que se apresentam neste período evolutivo. As defesas narcisistas ocupam um lugar de destaque na psicodinâmica adolescente, cumprindo a função de negar a consciência de separação do objeto pela dor depressiva e sentimentos de solidão em relação à dependência, buscando alternativas mágicas e onipotentes para lidar com a

frustração, o sofrimento e o vazio. (p. 164)

Dessa forma, Jordão (2008) constrói uma linha de raciocínio na qual ela explica a angústia relacionada à falta de identidade e a busca por uma nova percepção de si, que emergiu na escuta de J. nas sessões a partir de fundamentos da psicanálise.

A percepção das mudanças corporais durante a adolescência pode ser profundamente impactante para a integridade do eu, como ressaltado por Aberastury (1981). Relacionado à essa temática, Metzger (2006) analisa o caso clínico de Vanessa, uma adolescente psicótica.

Ressalta que, nesse período de transição, os jovens enfrentam uma série de mudanças corporais que podem desencadear sentimentos de ameaça à integridade do eu. A adoção de roupas largas e blusas de mangas longas, mesmo em estações quentes, pode ser uma expressão do desconforto e resistência em aceitar as transformações físicas, simbolizando o desejo de manter uma conexão com o corpo infantil, que está sendo gradualmente deixado para trás. Neste contexto, é possível refletir sobre a complexidade do luto pelo corpo infantil na adolescência, buscando compreender suas dimensões psicológicas e sociais, bem como as consequências para o desenvolvimento do

indivíduo. O autor assim enfatiza “a percepção da mudança corporal que acompanha a adolescência pode ser sentida como excessivamente ameaçadora para a integridade do eu; podemos pensar nas roupas largas, nas blusas de mangas longas que Vanessa usava até mesmo no verão” (Metzger, 2006, p. 50).

A adolescente Vanessa enfrenta dificuldades para aceitar as transformações em seu corpo e, como uma forma de enfrentamento, ela desenvolve uma entidade interna denominada Vicentina. Essa figura parece desempenhar um papel crucial para a estabilidade psíquica de Vanessa, especialmente diante das fragilidades em suas referências internas. Sobre isso, Knobel (1981b) adiciona que é possível entendermos a aquisição de novas identidades no adolescente como uma forma maníaca de procurar a identidade adulta e, a partir da aquisição de ideologias emprestadas do mundo adulto, o adolescente incorpora diferentes identidades, que nem sempre são autenticamente incorporadas ao ego.

Assim, a presença de Vicentina indica uma espécie de duplicação do eu, sugerindo que uma parte de Vanessa é projetada para fora, possivelmente refletindo uma falha na integração da sua identidade. No entanto, é interessante notar que Vicentina é muito semelhante a Vanessa e funciona como uma

confidente, alguém com quem ela compartilha seus sentimentos negativos em relação aos outros. Nesse sentido, convém recordar as afirmações de Knobel (1981b, p. 34): “Devemos levar em consideração, também, que isto se pode interpretar como o resultado do manejo das ansiedades persecutórias e das capacidades autodestrutivas que obrigam à fragmentação do ego e dos objetos com os quais este entra em contato”.

Provavelmente, a fragmentação do ego vivenciada por Vanessa contribuiu para a criação da personagem Vicentina, apontada pelo autor do referido artigo (Metzger, 2006). Essa compreensão revela como Vanessa elabora estratégias para lidar com as dificuldades de aceitação do seu corpo adolescente e como a presença de Vicentina pode refletir as complexidades inerentes à construção de sua identidade em desenvolvimento. A semelhança entre Vicentina e Vanessa sugere uma duplicação, possivelmente resultado de uma divisão do eu, apontando para uma falha na integração do self (Metzger, 2006).

No estudo de Ávila (2010), apresenta-se a reflexão sobre como os processos de identificação se manifestam na pós-modernidade, gerando conflitos intrapsíquicos e intersubjetivos, levando o jovem a viver uma adolescência infinita. Nesse contexto, o autor relata um fato

clínico que apresenta, além da temática de identidade do adolescente, a contratransferência como fator crucial para o bom andamento do processo terapêutico:

Até que um dia ela conseguiu falar do sono que percebia em mim. (...) Ela pouco a pouco pôde ir adquirindo insights sobre sua história e a trama de identificações parentais que lhe reservavam um lugar tão congelado até o início da idade adulta. Eu também pude caminhar no sentido de inaugurar outra condição de vínculo com ela, e a sua terapia construiu a possibilidade de uma "crise" de adolescência, altamente benéfica para o seu crescimento. (p. 5)

Percebe-se que, no estudo relatado por Ávila, a percepção das emoções vivenciadas pelo psicoterapeuta, provavelmente decorrentes da contratransferência, possibilitou não apenas aprimorar o vínculo terapêutico, mas também refletir sobre as dificuldades inerentes ao desenvolvimento da identidade daquela paciente.

Nos três artigos mencionados, foi possível constatar que a “busca de si mesmo e da identidade”, consideradas por

Knobel (1981a, p. 29) como características da síndrome normal da adolescência, ocorreram de forma exacerbada e foram consideradas como sintomas de uma psicopatologia mais severa. Assim, houve a necessidade de que tais pacientes fossem atendidos na clínica psicanalítica.

Culpa

Um dos aspectos mais citados foi a questão da culpa, abordada pelos adolescentes e vivenciadas em diferentes fatos clínicos relatados pelos respectivos autores de três artigos analisados: Silva e Teixeira (2017), Verdi (2014) e Zornig (2014).

Silva e Teixeira (2017) discutem as contribuições que a psicanálise pode fornecer para os impactos do abuso sexual no psiquismo do adolescente trabalhando o caso da adolescente Liz. Quando a paciente comenta sobre a possibilidade de morar com o pai para se afastar do padrasto, seu abusador, a adolescente verbaliza a respeito das suas preocupações relativas aos temores quanto às possíveis reações deste último, tanto em relação a si própria, por não ter mencionado o abuso, quanto à possibilidade de ele culpar a sua mãe pelo ocorrido. A seguir, os autores assim analisam os fatos clínicos vivenciados com a paciente. Liz trouxe para as sessões sua busca pelas funções parentais, mas não menciona amor ou sentimento em relação

aos pais. Ela fala sobre os abusos do padrasto e a ausência de proteção dos pais. Os abusos são vistos como uma falha na função parental, pois não protegeram a criança de situações prejudiciais. Os autores comentam que na perspectiva winnicottiana, o trauma ocorre quando o ambiente não se adapta às necessidades da criança, levando-a a reagir à intrusão e se adaptar precocemente ao ambiente, resultando em dificuldades de separação e individuação, bem como um investimento precoce na realidade interna e externa.

Os fatos vivenciados no *setting* e as respectivas análises realizadas pelos autores, à luz da psicanálise, podem ser considerados fatos clínicos psicanalíticos construídos posteriormente, tal qual mencionado por Vollmer (1994), pois abordam questões detectadas a partir das relações transferenciais e contra transferenciais vivenciadas pela dupla paciente-terapeuta.

A análise dos fatos clínicos mencionada pelos autores do referido estudo demonstra que, além da culpa mencionada, é possível também refletir sobre aspectos posteriores, que podem ter afetado o processo de desenvolvimento da identidade de Liz. Tendo em vista que o maior dano consiste no desmentido por parte do adulto, a quem a criança está ligada e que se apresenta como modelo de identidade para ela,

gerando a negação de que há um sofrimento.

O fato clínico psicanalítico seguinte aborda questão semelhante:

O adulto, ao negar a realidade do evento ou se mostrar indiferente ao sofrimento da criança, impossibilita a atribuição de um sentido ao ocorrido. O resultado disso é a vivência do desamparo, abandono, solidão, e um estado de confusão por parte da criança. Isto pode ser visto quando Liz traz sua angústia ante a decisão que, solitariamente, tem que tomar: o convite para ir morar com o pai. Supõe-se que ela quer isso: ser protegida pelo pai, que ela vê como poderoso. (Silva & Teixeira, 2017, p. 100)

Apesar do tema de culpa nessa pesquisa estar frequentemente ligada à situação de abuso sexual sofrido por Liz, pode-se notar na fala da adolescente como o abuso interfere nas questões de identidade e no desenvolvimento da sua sexualidade, as quais interferem, através da culpa, nesses processos, que emergem de forma intensa na adolescência.

Verdi (2014) relata a análise de um jovem, em que o analista utilizou o relato mítico dos argonautas em uma viagem como ferramenta para falar das dificuldades e turbulências emocionais que os adolescentes enfrentam em seu percurso:

Mário: "É, outro dia fiquei bravo. Meu pai estava dizendo a um amigo dele que na época deles é que era difícil, e agora é fácil. Mas é ele que fica facilitando tudo, e depois ainda põe a culpa em mim". Dou-me conta da culpabilidade inconsciente que o atormenta, mesmo quando recebe coisas boas (p. 123).

O sentimento de culpa mencionado por Mário está intimamente ligado à percepção de falta de limites em sua família, especialmente em relação à "mimação" de sua irmã e a falta de responsabilização por parte de seu pai. Ele menciona que trabalhar é difícil, pois observa o sacrifício que seu amigo faz para ganhar dinheiro, enquanto sua irmã parece gastar sem restrições. Essa percepção de desigualdade e a sensação de que seus pais o culpam pelas dificuldades podem gerar uma culpabilidade inconsciente que o atormenta, mesmo quando ele recebe coisas boas. Por outro lado, o analista de Mário ressalta a

importância de renunciar à mimação para seguir seu próprio caminho, mesmo que inicialmente isso pareça mais difícil. Essa reflexão pode ser um ponto importante para o progresso do processo terapêutico de Mário, pois o ajuda a compreender que a falta de limites e a mimação podem estar prejudicando seu desenvolvimento emocional e sua capacidade de enfrentar desafios. Ao reconhecer a culpabilidade, antes inconsciente, o analista oferece um espaço para que o paciente explore suas emoções e compreenda as origens desse sentimento. A dependência dos pais pode impedir que ele desenvolva a capacidade de introjetar valores e limites internos, bem como de simbolizar suas experiências.

O artigo de Zornig (2014) aborda a relação com os objetos por uma “lógica incorporativa” (p. 51) que impede, por sua vez, o acesso às experiências de introjeção e aos processos de simbolização nos adolescentes. Além disso, ressalta a importância de que o analista de adolescentes faça um “acompanhamento vivo” (p. 51) com seu paciente. Apresenta o caso de Maria, cuja análise iniciou-se aos sete anos, em função da separação dos pais. A mãe de Maria interrompe o processo analítico duas vezes, alegando na última fazer isso por falta de recursos financeiros. Diante disso, uma alternativa para a continuação do tratamento seria fazer com

que seu pai arcasse com os custos. Entretanto, Maria reluta firmemente em permitir que seu pai participe do tratamento, mesmo expressando o desejo de continuar. Assim, a autora menciona o seguinte diálogo: “Não posso contar a meu pai. Contar que você sofre, indaga a analista? Exatamente, responde, ele acha que sou uma princesinha que tem tudo e deve ser feliz” (p. 58).

A paciente Maria vivencia uma relação sexual que busca uma gratificação narcísica, iludindo-se com a ideia de que é especial para seus parceiros. Sua vida se divide entre momentos intensos e excitantes, como nos shows de rock e na conquista de roqueiros, e momentos de apatia e tédio em sua vida cotidiana, onde sente a pressão de corresponder às exigências paternas. O casamento do pai com uma mulher, com idade semelhante à de Maria, a motiva a retomar a terapia, revelando uma fantasia incestuosa que a leva a buscar relacionamentos aditivos, principalmente com celebridades. Esse comportamento se assemelha ao consumo de substâncias; no entanto, Maria tem dificuldade em reconhecer seu próprio direito ao prazer. Nesse sentido, ela vivencia um conflito com pai, em que ele é mantido como um objeto idealizado, mas inacessível. Ao mesmo tempo carrega ódio e ressentimento em relação à mãe, por não

conseguir exercer uma função de contenção e limite em relação ao seu pai. Tal configuração leva a uma sensação de desamparo frente à omissão materna. Essa dinâmica familiar pode estar contribuindo para os sentimentos de culpa que Maria experimenta em sua vida sexual e afetiva, em que busca uma satisfação que não é alcançada.

A culpa pode estar relacionada também à busca constante por gratificação narcísica e ao envolvimento em relacionamentos aditivos, que podem ser vistos como tentativas de preencher um vazio emocional ou um desejo de se sentir especial para o outro. A falta de reconhecimento de seu próprio direito ao prazer pode criar um sentimento de culpa inconsciente em relação aos seus desejos e necessidades. Na adolescência, os sentimentos de culpa podem se intensificar, pois os jovens confrontam seus desejos e impulsos internos em relação às normas sociais. Isso se relaciona ao complexo de Édipo de Freud, onde a criança desenvolve desejos pelo genitor do sexo oposto e vê o genitor do mesmo sexo como um rival. Esses conflitos são resolvidos com o tempo, resultando na internalização de regras sociais e normas. Knobel (1981b) considera que a culpa na adolescência também pode surgir da exploração da liberdade sexual e fantasias incestuosas. Os adolescentes

desejam experiências sexuais, mas buscam a aprovação dos pais para evitar o sentimento de culpa, enfrentando conflitos entre seus impulsos e normas sociais. A puberdade traz maturidade genital, gerando fantasias incestuosas e frustrações devido a restrições socioculturais.

Luto

O luto pelas figuras parentais da infância, considerado por Knobel (1981a) ao abordar a síndrome normal da adolescência, foi mencionado pelos autores de seis artigos: Fernandes (2019), Grigorieff (2016), Iwashima et al. (2019), Jordão (2008), Verdi (2014) e Zornig (2014).

Fernandes (2019) aborda sua experiência analítica com dois adolescentes, Jacinto e Íris. A menina relata sobre as expectativas e cobranças paternas, o que pode ser comum nessa fase de transição e busca por identidade. No entanto, ao longo da terapia, ela começa a perceber e reconhecer um lado mais afetuoso e acolhedor de seu pai que até então não era evidente para ela, corroborando a ideia de Knobel (1981a) de que o processo terapêutico pode auxiliar os adolescentes a reinterpretar suas relações parentais. De acordo o autor, a psicoterapia possibilita que os adolescentes revisitem e reconstruam suas percepções e expectativas em relação aos pais, auxiliando-os a lidar de

forma mais saudável e assertiva com os desafios inerentes à vida familiar e às mudanças emocionais características da adolescência.

Jordão (2004) menciona a seguinte fala do seu paciente J: “Quero fazer várias tatuagens: diabinho "descendo" no peito, um de cada lado, fogo nos braços, caveira tocando guitarra, e na perna uma fumaça com os rostos das pessoas que gosto” (p. 164). O autor comenta que o adolescente está buscando "refúgios narcísicos" (p. 164), uma vez que, à medida que está passando pelo luto, tais refúgios têm “a função de negar a consciência de separação do objeto pela dor depressiva e sentimentos de solidão em relação à dependência” (p. 164). Assim, considera que J. procura por “alternativas mágicas e onipotentes” (p. 164) para lidar com os sentimentos negativos que está vivenciando.

O que se percebe é que, embora o luto pelas figuras parentais seja algo comum às vivências dos adolescentes (Knobel, 1981a), Jordão (2004) aponta tais questões como sintomas psicopatológicos e, apoiado em outros conceitos psicanalíticos, constrói o fato clínico psicanalítico (Vollmer, 1994; Quinodoz, 1994; Reis & Ynuyama 2022) a partir das vivências estabelecidas com aquele paciente.

Essa busca por "alternativas mágicas e onipotentes" mostra como os adolescentes

podem enfrentar dificuldades emocionais ao lidar com a perda e a separação das figuras parentais. É interessante notar como esse processo de luto, pode assumir formas singulares e ser interpretado por diferentes perspectivas psicanalíticas. Isso sugere que a compreensão do luto na adolescência não é universal e requer uma abordagem individualizada, considerando as particularidades de cada adolescente.

Verdi (2014) menciona as dificuldades de um adolescente que aparentava estar encarcerado nas amarras do luto pelas figuras objetais e vivências da sua infância com seu paciente Mário ao referir à seguinte hipótese interpretativa: “Mário ainda se coloca dessa forma dependente, o que o impede de procurar os companheiros jovens, que tanto o ajudariam a ter coragem para sua jornada, a de se separar e crescer” (p. 114).

Voltando ao caso de Maria (Zornig, 2014), já citado anteriormente, convém destacar o luto vivenciado pela adolescente em relação ao divórcio dos pais, caracterizado não pela morte em si mesma, mas pela ausência da figura paterna da forma que ela almejava. Maria retorna à terapia aos 14 anos após o divórcio dos pais, expressando tristeza profunda, desejo de morrer e preocupação com doenças graves. Ela questiona sua identificação com a mãe e associa o medo de morrer ao desejo de

vingar-se da mãe. Seu pai, agora financeiramente estável, lhe dá dinheiro em excesso, levando Maria a tentar estabelecer limites para si mesma. Esses eventos e dinâmicas familiares refletem um processo de luto na adolescência de Maria, desencadeado pelo divórcio dos pais. Ela busca reconstruir sua identidade enquanto enfrenta as mudanças familiares, confrontando a finitude e a perda.

No estudo de Metzger (2006), a autora analisa o caso clínico de uma adolescente psicótica que passou por acompanhamento terapêutico. Ela explora a relação entre a dor e o ego na formação do Eu, destacando a importância do conceito do Eu-pele como um "envelope narcísico" que sustenta o equilíbrio psíquico. Metzger descreve como esse envelope se desenvolve a partir da representação que a criança forma de si mesma, incorporando experiências da superfície do corpo. No mesmo contexto do caso clínico, a autora também observa que o uso de roupas largas pela adolescente pode ser uma forma de esconder as dificuldades em lidar com a perda do corpo infantil e aceitar seu novo corpo e estágio de vida. Esse comportamento pode estar interferindo na elaboração do luto pela infância.

Grigorieff (2016) explora a constituição do Eu e as consequências de um Eu fragilizado, no caso de uma adolescente. A

mãe da paciente, toxicômana, deixou a filha aos cuidados da tia materna. Os relatos da paciente, por sua vez, parecem indicar uma ausência da função materna, bem como a percepção de que o Eu se encontra fragilizado e ameaçado pela situação de abandono. "Nesse tipo de relação narcísica, a adolescente se relaciona de modo indiferente com o objeto, visto que está aprisionado em seu mundo interno" (p. 221). Isso se reflete nas falas de Gabriela: "Sinto falta de ter uma mãe. Não da minha mãe em si, entende? Mas de ter uma mãe mesmo, que fosse mãe. Em casa nunca tem nada. Nada pra fazer. É chato. Ninguém conversa" (p. 221).

A autora menciona o desejo de Gabriela de fazer uma tatuagem de uma caveira mexicana, que simboliza a celebração da morte e da saudade, possivelmente relacionada a lutos vivenciados na adolescência. Isso sugere que a tatuagem pode ser uma forma simbólica de lidar com a perda e a ausência de figuras parentais, que se manifestam nos sintomas de Gabriela. Também levanta a questão da função da tatuagem na vida da adolescente como parte de um processo de simbolização durante sua jornada pela adolescência, onde perdas significativas podem ocorrer. Essas perdas podem ser acompanhadas por emoções complexas, e o comportamento de Gabriela pode ser uma expressão dessas

emoções. A referência à "síndrome da adolescência normal" (p. 10) de Knobel (1981a) sugere que essa fase pode ser marcada por instabilidade e desafios emocionais.

Diante disso, podemos retornar ao estudo de Metzger (2006), já comentado, em que a paciente Vanessa cria um "alter-ego" (p. 44) chamado Vicentina. Essa nova pessoa surge, segundo a autora, "como possibilidade de sobrevivência psíquica frente à morte de referências que foram, desde sempre, frágeis" (Metzger, 2006, p. 51) e pode se enquadrar, portanto, como uma alternativa que Vanessa criou para lidar com o luto dessas referências.

O estudo desenvolvido por Iwashima, Reis e Santiago (2019) aborda a questão do luto na clínica com adolescentes por um outro prisma, pois são analisadas as vivências emocionais das respectivas psicoterapeutas durante os processos conduzidos com duas adolescentes. Segundo tais autores, os psicoterapeutas podem enfrentar desafios emocionais, conscientes e inconscientes, devido à sua própria relação com a morte e ao medo de não ser capaz de ajudar efetivamente o paciente. Logo, refletem a necessidade de o psicoterapeuta de adolescentes estar preparado não apenas quanto às questões teóricas e metodológicas, mas também quanto àquelas relacionadas a si mesmo

para que possa, de fato, atender às demandas da clínica psicanalítica com adolescentes. Assim, no *setting* com adolescentes os psicoterapeutas podem perceber como o luto promove "atuações que têm características defensivas, de caráter psicopático, fóbico ou contra fóbico, maníaco ou esquizoparanóide" (Knobel, 1981b, p. 27). Diante disso, o autor aponta a possibilidade de o jovem passar por uma "patologia normal do adolescente" (p. 27), à medida que elabora o luto a partir da exteriorização dos seus conflitos com o auxílio das suas experiências.

Sexualidade

A sexualidade vivenciada pelos adolescentes foi um citada em três estudos: Fernandes (2019), Metzger (2006) e Verdi (2014).

Fernandes (2019) ao refletir sobre a análise de Jacinto, mencionada anteriormente no presente estudo, aponta que:

Nas sessões referia-se à beleza dos personagens de origem oriental, erotizando dois deles, o personagem masculino, Okabe e a feminina, Kurisu. Como se trata de um adolescente, parece ter reconhecido um corpo sexualizado, inaugurando seu

mundo interno, um repertório de expressões anímicas, sustentadas pela construção simbólica de natureza afetiva. (pp. 108-109)

Durante as sessões, o paciente expressa suas descobertas e perplexidades em relação aos relacionamentos afetivos e a atração que sente por personagens de uma série de animê. Além disso, em outros relatos o paciente reflete sobre as diferentes formas de demonstração de afeto entre seus pais, o que parece influenciar sua percepção sobre os relacionamentos. Assim, a psicanalista acompanha esse processo e nota a sexualização dos personagens, interpretando isso como um indicativo da manifestação da sexualidade de Jacinto no *setting*.

Verdi (2014) nota, na fala do seu paciente (também nomeado como Mário), a menção à sua sexualidade quando ele conta sobre os periquitos e passarinhos dos seus amigos que acabaram morrendo ou que foram roubados.

Mário, nesse momento, mostra como vê os outros meninos capazes de ter os seus "periquitos"...Ele parece, nesses momentos, fantasiar que possuir um pênis é correr o risco de perdê-lo ou destruí-lo. Como esse temor pode ser

grande, "cede" aos outros esse órgão e as capacidades associadas ao falo. É o "temor à castração", que Freud aborda em diferentes textos. (p. 112)

No referido estudo (Verdi, 2014), o psicoterapeuta usa o relato mítico dos argonautas para discutir e apontar os mares revoltos que os adolescentes encontram em seu percurso. Ancorando-se na psicanálise, o autor entrelaça a potencialidade da clínica e do mito para conduzir a análise de adolescentes. Com isso, por meio da leitura do Mito do Argonautas em sessão e falas do paciente, a analista diz:

Parece que Mário tem em relação às mulheres um tipo de idealização que as torna figuras meio míticas, distantes, misteriosas e que parecem dispor de uma linguagem que ele não compreende, nem sente que será compreendido adequadamente. Nessa sessão ele demonstra o receio de que eu possa repreendê-lo por ter percebido algo e tido curiosidade. Poderíamos supor que toda pesquisa ou produção mental seja sentida por ele como passível de ser atacada ou repreendida, levando-o a

uma extrema cautela em suas incursões intelectuais. Parece também aqui temer a "castração" de sua curiosidade ou pensamento. (p. 121)

Por fim, Metzger (2006) comenta algumas manifestações da sexualidade da paciente Vanessa, a partir da comunicação de situações vivenciadas em contexto extra clínica:

Ao me contar que ao sentir-se observada quando sai na rua, sente vontade de perguntar aos transeuntes “eu estou pegando fogo?”, penso que a pergunta pode ser escutada a partir da associação entre fogo e sexualidade: “pegar fogo” no sentido da excitação crescente que vive, da qual se tem notícia pelas provocações físicas que impõe à empregada. . . . (p. 43)

O trabalho de Metzger (2006) apresenta considerações importantes sobre como a sexualidade pode ser vivenciada e expressa de maneira ambivalente nessa fase da vida. As experiências de Vanessa revelam uma luta interna entre a excitação sexual percebida externamente e sua própria sensação subjetiva de estar "pegando fogo". Essas manifestações podem ser consideradas parte do complexo processo

de descoberta e construção da sexualidade na adolescência, no qual os sentimentos e desejos podem emergir de forma conflituosa. Essas manifestações ambivalentes da sexualidade de Vanessa na adolescência encontram ressonância nas ideias de Freud (1905/1996) sobre a natureza do desenvolvimento sexual. Para Freud (1905/1996), a ambivalência entre atração e agressão é um aspecto comum das relações humanas. Ele postulou que o amor e o ódio coexistem e, frequentemente, são dirigidos para os mesmos objetos.

Através do mapeamento cuidadoso, realizado no presente estudo, foi possível constatar a pertinência, a atualidade e a aplicabilidade das ideias de Knobel (1981a) a respeito dos processos psicológicos envolvidos na adolescência. A “síndrome normal da adolescência” (p. 10) aborda as mudanças típicas desse período, incluindo a busca pela identidade, as transformações físicas e psicológicas, os conflitos com a família, a culpa, o enfrentamento de perdas e a exploração da sexualidade.

Conclusões

A presente pesquisa possibilitou visualizar um panorama da literatura sobre os estudos produzidos a partir do atendimento de adolescentes do ponto de vista da psicanálise na contemporaneidade, especialmente no período de 2011 a 2022.

Constatou-se que, embora os autores não mencionem a metodologia do fato clínico psicanalítico, os estudos usam relatos de sessões, registram pensamentos e sensações do analista e estruturam seus conteúdos com suporte teórico da psicanálise, de forma semelhante às empregadas no método de construção de fato clínico psicanalítico. Ainda, nota-se que grande parte dos artigos relata a interpretação do fato clínico a posteriori, partindo das vinhetas clínicas para, depois, desenvolver uma fundamentação teórica, o que possibilitou a publicação dos fatos clínicos psicanalíticos para os leitores.

O desenvolvimento da identidade desempenha um papel central na constituição de si mesmo. Os adolescentes estão constantemente buscando entender quem são, o que desejam e como se encaixam na sociedade. Questões de identidade estão intrinsecamente ligadas à sexualidade, à intimidade e à autoimagem, influenciando as relações interpessoais e a forma como os adolescentes se relacionam com suas próprias emoções e desejos.

Nesse sentido, verifica-se que o luto e a culpa podem emergir a partir de questões relacionadas a identidade e a sexualidade, uma vez que os desejos sexuais experimentados pelos adolescentes podem implicar na vivência de conflitos com as expectativas familiares, religiosas e/ou

sociais. O processo de construção da identidade pode envolver o luto pela perda de uma imagem anterior de si mesmos, fato que pode desencadear angústia e sofrimento. Por outro lado, a culpa pela vivência de desejos que não estejam alinhados com os ideais dos seus primeiros objetos de amor, pode estar presente e favorecer o desenvolvimento de sintomas psíquicos. Além disso, a dinâmica familiar desempenha um papel fundamental na maneira como os adolescentes lidam com a culpa e o luto. Logo, é mister considerar que um ambiente familiar, que promove o diálogo aberto e o apoio emocional, auxilia os adolescentes a processar seus sentimentos de culpa e luto de maneira saudável, enquanto uma dinâmica familiar disfuncional pode agravar esses sentimentos.

A análise dos artigos revela a influência significativa de autores clássicos na compreensão do funcionamento psíquico dos adolescentes. Knobel (1981a) destaca a existência de uma "síndrome normal da adolescência", indicando padrões recorrentes na sintomatologia adolescente que ecoam as observações de Freud sobre o desenvolvimento psíquico. A questão edípica, como elucidada por Freud (1905/1996), ressurge evidenciando a continuidade de conceitos fundamentais em diferentes abordagens teóricas, assim como

sua aplicabilidade perante as “novas” identidades de gêneros, suscitando uma reflexão sobre o dinâmica do complexo de Édipo na contemporaneidade.

Todos os artigos selecionados e analisados no presente estudo abordam o desafio de sustentar o *setting* terapêutico com o adolescente, ao longo do processo. As intensas mudanças ocorridas nesse período do desenvolvimento, os lutos, a angústia e desorientação sentida marcam as falas dos adolescentes que buscam nos analistas/psicoterapeutas ajuda para desenvolver recursos simbólicos para lidar com essa etapa.

Entretanto, ao examinarmos as análises contemporâneas, fica evidente uma lacuna na explicação dos fenômenos observados na prática clínica com adolescentes. Embora Knobel e Freud tenham oferecido

insights valiosos, a evolução das dinâmicas sociais e familiares sugere a necessidade de novas perspectivas e abordagens. A crescente complexidade dos desafios enfrentados pelos adolescentes na sociedade moderna, incluindo a influência das redes sociais, mudanças culturais e questões de identidade em constante mutação, demandam uma revisão constante e a integração de teorias contemporâneas.

Os temas mais recorrentes dos artigos analisados sugerem a necessidade de uma abordagem interdisciplinar mais ampla, envolvendo diferentes áreas tais como a psicologia clínica, o serviço social e a saúde pública. As quais poderiam enriquecer significativamente as intervenções e políticas públicas direcionadas ao atendimento às questões emocionais vivenciadas pelos adolescentes.

Referências

- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In A Aberastury e M. Knobel, *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (Cap. 1). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ávila, L. A. (2010). Adolescência sem fim. *Vínculo*, 8(1), 40-45. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902011000100007
- Ayub, R. C. P., & Macedo, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 582 - 601. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/J4RPYmZXgYf5HCCkP6SBfcQ/?lang=pt>
- Batista, L. dos S., & Kumada, K. M. O. (2021). Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)*, 8, 1-

17. Recuperado de:
<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>
- Dourado, A. P., & Soares, F. R. (2021). O manejo clínico psicanalítico com adolescentes: contribuições aos jovens analistas. *Psicologias em Movimento*, 1(1), 62-82.
- Fernandes, J. M. D. d. S. (2019). A escuta polifônica no atendimento psicanalítico de adolescentes. *J. Psicanal*, 52(97), 99-117. Recuperado de:
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1114947>
- Freud, S. (1996) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (Vol. 7, pp. 119-237), São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Grigorieff, A. G. (2016). Fragilidade narcísica na adolescência: a caveira mexicana como paradoxo da vida e da morte. *Contextos Clínic*, 9(1), 118-123. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100011
- Inácio, A. L. M., & Reis, M. E. T. (2018). Sobrevivendo aos extremos: o estabelecimento de vínculos na clínica com adolescentes. *Colloquium Humanarum*, 15, (2 Especial), 607-617. DOI: 10.5747/ch.2018.v15.nesp2.00116
- Iwashima, D., Reis, M. E. B. T., & Santiago, T. S. (2019). Emoções vivenciadas pelo psicoterapeuta aprendiz na clínica psicanalítica com adolescentes: um estudo exploratório. *Revista de Psicologia*, 10(2), 37-50. Recuperado de:
<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33090>
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, 27, 157-172. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100012&lng=pt&nrm=iso
- Knobel, M. (1981a). Introdução. In A. Aberastury & M. Knobel (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Knobel, M. (1981b). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel (Cap. 2). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Metzger, C. (2006). Contornos e fragmentação do eu na psicose: reflexão a partir do acompanhamento terapêutico de uma adolescente. *Psyche*, 10(18), 41-52. Recuperado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200005

- Quinodoz, J. (1994). Fatos clínicos ou fatos clínicos psicanalíticos? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(4), 613-634.
- Reis, M. E. B. T., & Ynuyama, P. N. D. (2022). Fatos clínicos psicanalíticos no atendimento à criança: revisão integrativa de literatura. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 1, 1-23. Recuperado de: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/6>
- Silva, C. M. da, & Macedo, M. M. K. (2016, jul./set.). O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 520-533. doi: 10.1590/1982-3703001012014. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/FvV7ZY3SzJRf7rgLzVGjPpm/abstract/?lang=pt>
- Silva, R. A., & Teixeira, L. C. (2017). Adolescência e o traumático: sobre abuso sexual e as vicissitudes do sujeito. *Rev Subj*, 17(3), 92-103. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2359-07692017000300009&lng=pt&nrm=iso
- Verdi, M. T. (2014). O mito dos argonautas e a travessia até a conquista da adolescência. *J. Psicanal*, 47(87), 111-128. Recuperado de: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-732087>
- Vollmer Filho, G. (1994). A conceitualização do fato clínico psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28(4), 673-685.
- Wieczorek, R. T., Kessler C. H., & Dunker, C. I. L. (2020). O (f)ato clínico como ferramenta metodológica para a pesquisa clínica em psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, 52(2), 185-213. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382020000200008
- Zornig, S. M. A. (2014). O abuso de substâncias tóxicas na adolescência: uma tentativa de incorporação do objeto? *Ágora*, 17, 51-62. doi: 10.1590/S1516-14982014000300005. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/agora/a/L7CYQG8pXRBFGRpCWqry5Ln/abstract/?lang=pt>

Fecha de recepción: 09 de noviembre de 2023

Fecha de aceptación: 15 de marzo de 2024